

Tecendo redes, (re)criando mundos: a ação cotidiana das mulheres nas periferias da cidade de São Paulo¹

Milena Mateuzi Carmo – USP/São Paulo

Palavras-chave: Mulheres periféricas, Cuidado, Memória

Este texto tem por fim trazer algumas reflexões a respeito da tarefa cotidiana realizada por mulheres moradoras das periferias da cidade de São Paulo para (re)construir mundos devastados após casos de violências, sobretudo assassinatos e prisões, envolvendo pessoas de suas famílias, normalmente homens. Em minha tese de doutorado, recentemente concluída, tive como objetivo observar os efeitos gerados pela “guerras de homens” em suas famílias. Argumento que dos conflitos, tensões e negociações protagonizados por homens do crime e agentes do Estado decorrem impactos generificados. Enquanto são eles que sofrem diretamente com agressões, assassinatos e prisões, às mulheres recaem a dor da perda, julgamentos e punições, sobrecargas financeiras e do cuidado e a tarefa cotidiana de reconstruir mundos devastados. Aproximei-me de famílias constituídas por mulheres onde o cuidado é prática e gramática de produção de relações, sobretudo entre mulheres. Mães, filhas, avós, irmãs, tias tecem redes de solidariedade com parentes, vizinhanças, amigas e ativistas buscando mitigar os efeitos da precariedade econômica e da violência que recaem sobre suas famílias. Contudo, argumento que essas ações não figuram apenas como reação frente às opressões, mas são produzidas a partir de um processo criativo sustentado na experiência de mulheres moradoras desses territórios que articulam gênero, raça e classe social.

Acompanhando o cotidiano dessas mulheres e ouvindo suas histórias de vida, o cuidado se sobressai como central e assume contornos específicos nestes contextos nos quais elas se veem sobrecarregadas com tarefas relacionada a ele que, por sua vez, são vitais para a sobrevivência de suas famílias. O peso deste trabalho cotidiano é partilhado não apenas entre mulheres da família – mães, avós, filhas, irmãs – como também se alastra para redes de amigas, vizinhas e ativistas. O lugar de cuidadora é vivido desde muito cedo por meninas produzindo ressentimentos e adoecimentos que se imiscuem na própria produção de si.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

Porém, os casos que acompanhei revelam também como o cuidado, como experiência generificada, é elemento a partir do qual agenciamentos, lutas e curas são (re)produzidas. Aprendizados cotidianos, histórias de vida e memórias são partilhadas entre gerações servindo de alimento para produção de certa feminilidade. Assim, a experiência do cuidado é vivida tanto como uma forma de opressão, mas também como uma possibilidade de produção de si, de relações, de lutas, enfim, do próprio território. Neste sentido, argumento que não apenas as “guerras de homens” produzem as margens, mas também uma ação contínua e silenciosa a partir do cuidado faz das mulheres também produtoras desses territórios e de seus mundos.

A partir de três situações etnográficas busco demonstrar como gênero, raça, classe e território modelam experiências que são intercambiadas entre gerações a partir da produção e (re)elaboração de memórias.

Feminismo periférico

Mês de outubro de 2017, sábado ensolarado. Era manhã e eu chegava, juntamente com outras mulheres, a uma ONG do Capão Redondo, distrito da periferia da zona sul de São Paulo, onde seria realizado um encontro de mulheres promovido pelo *Fala Guerreira*², coletivo formado por *feministas periféricas*. Tratava-se de uma atividade cujo objetivo era *celebrar e homenagear a vida* de mulheres importantes para as jovens daquele coletivo. O convite se dirigia às amigas e familiares, principalmente mães, das ativistas daquele coletivo. Reuniram-se no amplo salão da entidade cerca de 40 mulheres, em sua maioria negras e com idades diversas. Grande parte das presentes já se conhecia a partir de relações de amizade, de parentesco e de ativismo³ que se sobrepunham e se entrelaçavam. A intenção do encontro, era de proporcionar um ambiente no qual as participantes pudessem compartilhar

² Para uma discussão mais aprofundada sobre as ações deste coletivo que teve grande impacto na cena cultural e política nas periferias ver seguinte dissertações de mestrado: SILVA, Dayane K. F. da. (2019) *Fala guerreira: imagens e narrativas de mulheres periféricas na cidade de São Paulo*; e OLIVEIRA, Danielle R. de. (2019) *Encruzilhada das guerreiras da periferia sul de São Paulo: feminismo periférico e fronteiras políticas*; OLIVEIRA, A. K. T, (2022) *Gritos e silêncios: um mergulho no cotidiano e na intimidade de mulheres negras ativistas da periferia sul de São Paulo*.

³ Para aprofundamento sobre rede de mulheres constituídas a partir de laços de amizade e militância que articulam raça, classe, gênero e sexualidade ver: Oliveira (2022); Oliveira (2019).

experiências, principalmente relacionadas às violências e sofrimentos gerados pelos efeitos do racismo, por condições precárias de vida e pelas violências de gênero e do Estado, que se imbricavam na vida cotidiana. Esse tipo de atividade era frequentemente realizado desde o início de 2010 através dos chamados círculos⁴. Buscava-se, a partir da mobilização, produção e elaboração de memórias, não apenas uma *cura* individual, mas também a construção de um *nós* articulando marcado por gênero, raça, classe e território (MOUTINHO, 2014; MOUTINHO, ALVES, CARMO, 2016; OLIVEIRA, 2019; OLIVEIRA, 2022). Naquele dia, as mulheres do coletivo Fala Guerreira focavam nas mulheres de suas famílias: mães, irmãs e avós. Havia um desejo profundo em reconhecer e valorizar as trajetórias femininas, sobretudo das mais velhas, bem como *curar* e restabelecer laços deteriorados ou rompidos a partir do *envenenamento* das relações ao longo do tempo.

Além disso, o foco na relação com a mãe revelava o papel central – afetivo, moral e econômico – que elas assumiam nas famílias. Centralidade essa gerada pela responsabilização do trabalho do cuidado, que recaí quase que exclusivamente sobre as mulheres, sobretudo para as mães. No contexto das margens, tal responsabilidade torna-se ainda mais pesada devido às demandas do cuidado que se multiplicam com a ausência paterna ou violência de homens; pela precariedade econômica; pela insuficiência do Estado em políticas de cuidado; por prisões ou mortes na família; e risco de *envolvimento* com o crime. Assim, as atividades realizadas naquele sábado, bem como as falas que emergiram delas, explicitaram dimensões muito importantes não apenas sobre como se dava a produção de famílias nos territórios periféricos da cidade, como também demonstravam os caminhos e elementos a partir dos quais estava se constituindo o *feminismo periférico*.

A ideia era criar um espaço dissociado do cotidiano que, por sua vez, era visto como o lugar do tempo insuficiente e de sobrecargas emocionais e financeiras: *correr atrás de dinheiro*, cuidar de outras pessoas, participar de espaços de ativismo, dentre outras atividades

⁴ A partir de 2011 começou-se a difundir a metodologia de círculos como forma de diálogo sobretudo nos coletivos de mulheres na zona sul. Esta prática foi influenciada por projetos e cursos de formação oferecidos pela ONG CDHEP, (Centro de Direitos Humanos e Educação Popular) do Campo Limpo, que tinha como principal influência metodológica a Justiça Restaurativa. Esta, por sua vez, tem por fim se constituir como alternativa à punição frente a conflitos e, por esta razão, busca construir espaços de partilha sobre efeitos da violência onde afetos e emoções assumem um lugar de relevância para pensar nas restaurações subjetivas, interpessoais e do tecido social. Para uma discussão mais aprofundada sobre como tal metodologia foi sendo apropriada por coletivos de feministas periféricas ver: Moutinho, Alves, Carmo (2016); Oliveira (2019); Oliveira (2022).

consideradas exaustivas para mulheres. Partia-se de um consenso de que elas *trabalhavam demais* e não tinham *tempo para si* (FERNANDES, 2018), estavam cansadas e precisavam de um outro ambiente com um ritmo mais tranquilo, em que as urgências da vida e dos outros, pudessem esperar. Era preciso criar um tempo para o auto-cuidado em que as mulheres pudessem cuidar umas das outras e de si mesmas (MOUTINHO, ALVES e CARMO, 2016). Assim, o encontro visava proporcionar este ambiente de pausa e de valorização da escuta mútua, sobretudo entre aquelas que partilhavam esse cotidiano conturbado e conflituoso. Desse modo, a relação entre mães e filhas foi a que, naquele encontro, ganhou maior destaque, demonstrando não apenas a conflituosidade dessa relação no cotidiano, como também o interesse destas feministas em se constituírem a partir de uma perspectiva geracional a partilhar da (re)elaboração de memórias sobre experiências marcadas por gênero, raça, classe social e território. A periferia era o pano de fundo de uma forma específica de articulação desses marcadores.

As mulheres integrantes do coletivo *Fala Guerreira*, encontravam-se no processo de produção de uma identidade de feministas periféricas e, para forjar tal identidade, pensavam-se a si mesmas a partir das experiências de suas mães e avós com as quais partilhavam não apenas a condição de gênero, como também de racialização e de classe social. Como descrito na revista de mesmo nome, produzida pelo coletivo: “a construção de nosso feminismo se dá reconhecendo a trajetória de nossas mães, tias, avós, irmãs e nossa própria realidade” (FALA GUERREIRA, 2016).

Durante o dia, as mulheres mais jovens falavam sobre o reconhecimento dos esforços de suas mães, sobre como o tempo foi um agente importante na compreensão que faziam do comportamento delas e da relação que estabeleciam com elas. Ressaltavam também como o feminismo periférico, justamente por focar nas especificidades das experiências de mulheres periféricas, as ajudou a valorizar as trajetórias das mulheres mais velhas de suas famílias. Já as mulheres mais velhas falaram sobre o aprendizado, não sem tensões, que adquiriram com as mais jovens por meio dos quais ajudaram-nas a *se libertar*. Os aprendizados aos quais se referiam, estavam relacionados às pautas e comportamentos oriundos de outros registros morais e também de mundos acessados pelas filhas: universidades, ativismos, redes sociais, etc.

Buscando ressignificar e/ou curar relações a partir de um momento que se desloca do cotidiano, as integrantes do Fala Guerreira estavam partindo do pressuposto de que a vida ordinária de mulheres era repleta de sobrecargas e de conflitos. Tais pesos e tensões eram compartilhados na intimidade da casa e da família, sobretudo entre mulheres, pois é sobre elas que recaem as tarefas do cuidado. No encontro daquele sábado, o intercâmbio de experiências entre mulheres de duas gerações, que ora as aproximava, ora as afastava, trouxe elementos relevantes para pensar no contínuo processo não apenas de produção de família que, em territórios periféricos e racializados, assume contornos específicos, como também de lutas femininas.

Desse modo, argumento que o encontro promovido pelo coletiva Fala Guerreira não apenas explicitou a complexidade de aspectos que constituem a vida de mulheres moradoras das periferias da cidade, como também se constitui como um lugar de (re)modelação de memórias buscando produzir uma especificidade da experiência de mulheres moradoras das periferias.

“Se eu pudesse voltar lá atrás, eu não teria casado”

“Quando eu vim pra cá, eu era criança. Vim com meus pais. Meu pai, quando eu era menina ainda, já me colocou pra trabalhar em casa de família. Eu trabalhei muito em casa de família. Inclusive hoje eu sou até enferma por causa disso, por causa de trabalhar muito nova. Quando eu comecei a trabalhar eu tinha oito anos de idade. Meus pais, principalmente meu pai, na época dele, filha era pra trabalhar, pra ajudar e casar. Largasse do marido já era vagabunda, né? Meu pai nunca foi aquele tipo de homem carinhoso, principalmente pra filha mulher. Inclusive que nem estudo eu tenho até hoje. Não é justo filha mulher não estudar! Ignorância, né? Mas tudo bem, fazer o quê? Já passou. Trabalhei até quinze anos. Com quinze anos eu casei. Foi meu primeiro casamento, casei muito jovem. Como eu era do interior, não sabia nem o que que era casamento. Aí casei com um homem muito mais velho do que eu. Dona Catarina, dona da casa que trabalhei, foi até madrinha do meu casamento. Foi o esposo dela que me levou ao altar pra casar. E tive dois filhos do meu primeiro casamento. Meu primeiro marido nunca me bateu, mas ele me maltratava com palavras, sabe? Quando eu era mais nova eu gostava muito de cantar! Lembra da época da Jovem Guarda? Eu gostava muito de cantar, né? E não tem a Vanderleia? Aí meu marido me chamava de “Vandeca dos pobres” para me humilhar. Como eu era muito jovem, hoje eu vejo que eu via ele mais como pai do que como marido. Então, eu acho que foi mais pra fugir de casa de

família que eu casei. A gente, na época, a gente não tinha orientação de nada. Pensava que casamento era mar de rosa, né? Mas não é nada disso.

Então o casamento não deu certo. Eu fugi de casa por maus tratos. Vivi cinco anos com meu primeiro marido, depois eu não aguentei e fugi de casa. Eu deixei as crianças com a sogra porque eu não tinha condições de ficar com as crianças, com os meninos. Mas eu ia todo final de semana, eu ia visitá-los. Hoje tão tudo homem, né? Casado também. Aí eu fui trabalhar de novo em casa de família, porque eu não tinha pra onde ir. Porque meu pai e minha mãe me abandonaram. Até fugi do meu pai porque ele queria me matar! O meu pai, depois que eu separei do marido eu nunca mais vi. Nem pai, nem mãe... Eu sei que eu tenho irmão, mas aonde é que anda, eu não sei!

Depois, foi numa viagem indo visitar meus filhos, meus primeiros filhos, que eu conheci meu segundo marido. Que hoje ele é falecido, que é o pai do William e do Alan. Eu vivi com ele vinte e um ano, tive mais esses dois filhos. Aí também chegou um certo ponto que não deu certo esse segundo casamento. Aí eu pedi a separação, ele aceitou. Eu não tive sorte no casamento, pra falar a verdade, eu não tive sorte! Pra falar a verdade, lembranças boas eu não tenho. Nem do meu primeiro casamento e nem do segundo. As únicas lembrança boas que eu tenho é o nascimento dos filhos. Depois que eu separei do marido, que eu fiquei com os meninos, não vou dizer que minha vida foi um mar de rosa, porque mar de rosa não tem, mas depois que passei a viver com os filhos, a minha vida mudou. Porque aí não tenho mais aquele sofrimento que eu tinha com o marido. Porque os filhos é uma coisa, o marido é outra.

Porque o homem, ele acha que ele sendo homem e ele sendo estudado, ele acha que ele pode tudo e não é por aí. Meus dois casamentos foi mais desfeitos por causa disso. Meus dois maridos. Porque nós que somos mulheres, até hoje ainda tem que o homem quer ser melhor que a mulher. Porque ele tem estudo, porque ele tem um carro, porque ele tem isso, tem aquilo... Porque ele se acha melhor. Às vezes eu vejo essas meninas, eu falo pra elas: “Estuda, seja alguém na vida pra mais tarde vocês vier casar, não sofrer na mão de homem!”. Eu falo pras meninas. Eu não tenho filha mulher, tenho quatro filho homem. Mas eu vejo essas meninas, quando elas vem conversar comigo, eu falo com elas. Se eu pudesse voltar atrás na minha vida, ter o juízo e a cabeça que eu tenho hoje, não teria casado! Se eu pudesse voltar lá atrás, eu não teria casado. Estaria solteira.”

Vanusa é uma mulher branca que na época em que conversamos, em 2017, tinha 65 anos. Rosto amável com um ar um pouco triste. Ela morava com o filho caçula de 35 anos Felipe, com quem dividia as despesas da casa. Vanusa era aposentada e, como disse, trabalhou como empregada doméstica durante a vida toda. Felipe, também branco, tinha um emprego de auxiliar de informática na faculdade privada da região onde cursava Tecnologia

da Informação. A renda da mãe e do filho, somadas, era de R\$3.000,00, menor do que renda média familiar mensal do distrito de Campo Limpo, onde moravam, que era de R\$3.700,00⁵.

A família residia em um apartamento de quatro cômodos no conjunto habitacional da CDHU⁶ no Jardim Olinda. Os prédios foram fruto de uma política estadual de meados dos anos 2000, conquistada através da mobilização de moradoras e moradores de uma favela que anteriormente ocupava a área hoje construída. Vanusa falou sobre o processo com bastante orgulho. Ela era moradora da favela e participou ativamente de todas as reuniões realizadas pela mobilização. Lutas populares por moradia e políticas habitacionais foram particularmente intensas ao longo das décadas de 1980, 1990 e ainda nos anos 2000. Tal experiência foi fundamental na vida da família de Vanusa, assim como na de outras mulheres com quem conversei, por representar a realização de um sonho, a *casa própria*, e da conquista de um mínimo de segurança para sua família. A casa oferecia as bases para se pensar em possibilidades de futuro.

Durante toda nossa conversa, Vanusa falou diversas vezes sobre a vontade que sente de voltar a trabalhar, mesmo com uma doença crônica em uma das pernas, sobre a qual não quis comentar, além de diabetes e pressão alta. A frustração com sua condição atual ficou evidente durante a entrevista, principalmente no que se refere a sua falta de autonomia financeira e à aparentemente difícil relação com os filhos. Saí da casa de Vanusa muito sensibilizada com sua trajetória marcada por tantos esforços na busca por autonomia e narrada em um presente repleto de frustrações com poucas esperanças de futuro. Considero sua história importante porque ela traz alguns elementos fundamentais que são comuns nos percursos de diversas mulheres de uma geração específica de moradoras das periferias: mulheres que chegaram ainda crianças na capital paulista com suas famílias e aqui construíram suas vidas, enfrentando, hoje, os dilemas de seu tempo nestes territórios. São eles: relações hierarquizadas e marcadas por pouco afeto em suas famílias de origem; a especificidade de sua condição de filha nessa família trabalhadora e migrante; casamentos

⁵ Dado de 2020 extraído do Mapa da Desigualdade produzido todos os anos pela Rede Nossa São Paulo <https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Mapa-da-Desigualdade-2020-TABELAS-1.pdf> (acesso em 30 de abril de 2022)

⁶ CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano) do Estado de São Paulo vinculada a Secretaria de Habitação tem por objetivo executar programas habitacionais para população de baixa renda do Estado de São Paulo.

como forma de *fugir* das famílias de origem e uma esperança em construir suas próprias famílias a partir de outras bases, sobretudo afeto; frustrações com maridos violentos e separações; esforços para reconstruir suas famílias sem violência sem o marido; trabalho como empregada doméstica como forma de alcançar autonomia financeira; frustração por não ter conseguido estudar; racismo de múltiplas formas; ter que lidar com um novo tipo de violência envolvendo crime e forças do Estado.

Além disso, considero também relevante pensar na forma como Vanusa contou sobre sua trajetória. Argumento que ela organizou sua narrativa sobrepondo quatro temporalidades. A primeira é de um passado que ela lembra com pesar, retomando eventos que viveu a partir de muita subordinação e pouca possibilidade de agenciamento, principalmente por ser ainda criança ou dependente da família de origem e do primeiro marido. A segunda, um momento, no qual ela *foge* desse primeiro marido conquistando assim sua autonomia, mesmo que voltando a trabalhar em casa de família e se casando novamente. A terceira, que é o momento atual, embora com o sonho da casa própria realizado, a falta de trabalho e a relação *envenenada* com os filhos do primeiro casamento são fatores que causam frustração, que fazem com que os efeitos do passado sejam sentidos de forma dolorosa no presente. Por fim, a quarta temporalidade que é o futuro que, contaminado pelo presente, é visto sem expectativas diretamente para si mesma, o que lhe resta como esperança é projetado nas mulheres mais jovens, mesmo que essas não sejam de sua família.

Neste sentido, argumento que para Vanusa, assim como para as mulheres da cena descrita anteriormente do encontro do Fala Guerreira, memória foi elemento constitutivo da produção de si como sujeito. Dando ênfase às rupturas, às transformações, aos mundos arruinados e reconstruídos, elas vão falando não apenas sobre quem são hoje, mas também sobre quem não são mais: *eu era boba; aquele tempo a gente não sabia de nada; eu era cega e apaixonada*. Memórias estas que são também mobilizadas para a produção do *feminismo periférico*, sendo também (re)construídas por ele.

Mas se as memória, para as ativistas do coletivo *Fala Guerreira*, eram mobilizadas e também produzida tendo em vista delimitar um *nós*, isto é, construir uma identidade de mulheres periféricas, na narrativa de Vanusa, a memória era acionada para se referir a um complexo processo de produção de si a partir de rupturas e transformações em suas vidas. Michael Lambek e Paul Antze (1996) na introdução ao livro *Tense past: cultural essays in*

trauma and memory, fazendo referência à Pierre Nora⁷, trazem a ideia de memória-distância, isto é, a memória não como uma continuidade retrospectiva, mas como a iluminação da descontinuidade. Assim, não se trata de narrar uma gênese, mas sim buscar “a decifração do que somos à luz do que não somos mais” (NORA, 1989, p. 16 apud LAMBEK; ANTZE, 1996, p. 34). Desse modo, ao falar de como eram *bobas, ingênuas, apaixonadas*, elas estão afirmando que não são mais nada disso. E isso só é possível em um contexto de outras moralidades fortemente influenciada pelo feminismo.

Desse modo, considero que a narrativa que Vanusa produziu de si, sobrepõe eventos significativos para sua constituição como sujeito, que marcam também experiências de mulheres pobres e periféricas de um mesmo período. Essas memórias são elaboradas e mobilizadas por uma mulher que se vê diferente do que era, que carrega as marcas das opressões vividas, mas também dos esforços em um processo constante de (re)criação. Vanusa modela sua memória a partir do contexto que vive hoje, marcado por um presente que embora ofereça um contexto moral mais favorável para mulheres, para ela, com uma condição de classe e geracional particular, o futuro é mais difícil de ser imaginado. Sua esperança, repito, é projetada nas mulheres mais jovens.

“*Fazer o que, já passou, né?*”. O peso dessas palavras indica a aceitação de que algo ocorreu e não existe a esperança de reparação. Vanusa casou, fugiu, casou-se novamente, separou-se do marido, conseguiu sua casa própria, conseguiu criar dois dos quatro filhos, não pode estudar, deixou de cantar, e hoje, a sua única possibilidade de olhar para o futuro é a esperança de encontrar um trabalho, mesmo com 64 anos e doente. As memórias que organiza em sua narrativa demonstram um constante processo de mobilização de forças para (re)criar a si e a seu mundo em que goze de mais autonomia, afeto e dignidade. Que questione e subverta os papéis delimitados por uma moralidade assentada na autoridade masculina. Contudo, a sobreposição de opressões que se impõem às mulheres pobres, moradoras das periferias e racializadas pode levar ao esgotamento no presente desta luta constante. Ainda assim, esses enormes esforços de recriação de seus mundos são transmitidos a partir de relações cotidianas com outras mulheres. Vanusa, mesmo não vendo esperanças de futuro para si mesma, ela as projeta para as *meninas*. Talvez seja por esta razão que as jovens feministas periféricas têm se voltado para as trajetórias de mulheres da geração anterior para

⁷ Nora, Pierre. “Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire.” *Representations*. 26: 7–25. 1989

construir o *feminismo periférico*. Memórias que eram compartilhadas no cotidiano, entre mãe e filha, sobrinha e tia, neta e avó, constituindo-se em elementos de um aprendizado de gênero, não sem tensões, são hoje remodeladas para produzir uma voz no espaço público de uma coletividade de *mulheres periféricas*.

Candida: o perfume do cuidado

Oi mãe, tudo bem? Quanto tempo, não é mesmo? Trinta anos exatamente. A última vez que a vi era natal de 1990. Fico dia e noite tentando dizer a mim mesma coisas que ainda não te disse. Acho que, durante esses anos, tenho engasgado bastante com os pedaços de frango temperado que comíamos quase juntas nessas datas comemorativas. Sabe aquela gorduchinha que você tirou sua última foto? Já é uma moça! Uma menina linda, esperta, cabelos longos e encaracolados. Ela se parece muito com você, mãe. (...) O Índio já não está mais entre nós. Morreu vítima de um assassinato em 2003. Eu sinto tanto a falta dele, tanto! Mas às vezes fico pensando: tinha que ser assim. Ou era assim, ou ele morria ou ele matava nossa Tata de tristeza. Posso te falar uma coisa? Você sabia, que mesmo o Índio estando morto, eu sinto muitos ciúmes dele? Eu nunca entendi direito porque ele era o filho tão querido. Ele nem era o mais inteligente! Aliás, nem ele, nem o Lindomar. Eu sempre fui mais agilizada pra tudo! Quando você saía pra trabalhar, eles corriam pra rua. E eu corria atrás. Era tão gostoso... e menos perigoso. Carrinho de rolemã e pula elástico eram as minhas brincadeiras prediletas. Quanto mais eu ficava fora, menos eu sentia o perfume de cândida. Mas uma hora antes de você chegar, eu saía correndo entre os becos e vielas e deixava a casa um brinco!

Nossa mãe, eu fiz de tudo pra ser a melhor filha, pra ser sua filha perdileta! Eu deixei de ir pra escola, eu aprendi a cozinhar cedo, a ficar olhando você rodopiar. (...) Eu fui carismática com suas amigas, eu escondi suas mentiras... Mentiras ainda que me custaram caro. Suas mentiras que eu não tive coragem de contar a nossa família, como o trauma causado pelo seu marido. (...) Será que você se arrependeu daquilo que você fez comigo? Eu ainda tenho medo de tomar banho. Sou intolerante ao toque e não gosto de abraços. (...) Eu evito descer a ladeira do Morro do Pantanal. Mas às vezes calha de bater de frente com ele. Aquele seu marido, aquele homem. Aquele traste trouxe tantas feridas... Aquelas feridas jamais vão cicatrizar.

Eu não tenho lembranças da infância e nem da adolescência. Mas naquele dia, antes da sua partida, tá aqui, dentro de mim. Eu te olhei ali, naquele leito de hospital e desejei a sua morte. Mãe, por que você deixou ele fazer isso comigo? Por que você pediu que eu escondesse tudo? É, pensando bem, eu nunca fui sua prioridade. Eu tenho inúmeros pesadelos com ele, mãe. Lembro exatamente da sensação que tive naquele dia que te contei. Uma vontade de vomitar! Esse vômito tá aqui, travado na minha garganta. Trinta anos! (...) Eu guardei meu silêncio como prova do meu amor. Eu não tinha inúmeras exigências, eu só queria ter sido olhada nos olhos com amor. Queria te ouvir contar uma história e, mais que isso, queria que você tivesse ensinado a dizer com

tranquilidade: “eu te amo!”. Hoje, eu só quero conseguir te perdoar. Ainda tenho memórias que não foram apagadas.

– “Oi, qual o seu nome?”

– “Eu me chamo Maria das Dores.”

– “Quantos anos você tem?”

– “Eu tenho doze anos.”

– “E o que você faz no seu dia a dia?”

– “No meu dia a dia? Olha, eu acho que eu sou doméstica. Na minha casa mesmo. Eu lavo, eu passo, eu limpo, eu cozinho e cuido de uma criança. E se eu não fizer, os gritos e as surras comem soute.”

Eu odeio meu cabelo. Eu odeio meu corpo. Odeio minha cor. Mal consigo me olhar no espelho, tenho medo do que posso ver. Eu sou tímida e insegura. Se eu pudesse, mudaria meu corpo. Deixaria ele mais claro, mais liso, mais fino, igual ao seu. Será que assim eu conseguiria ser vista por você? Como me livrar desse fantasma, se minha própria mãe me ensinou a me odiar? (...) Mãe eu tenho tanto coisa pra te contar... E olha que eu nem te falei do Lindomar. A propósito, ele é o mais lindo entre nós. A quem diga que nos parecemos. Talvez seja o olhar perdido. Ele tem uma doença muito séria no sangue. Vira e mexe ele tá no hospital. Deve ser uma doença de alma. (...) Quando você se foi ele era apenas um menino. Perdeu mãe, pai e eu não fui capaz de cuidar dele. Nós não nos olhamos nos olhos, não nos abraçamos e tão pouco “eu te amo” é uma frase usada no dia a dia, no nosso vocabulário monossilábico.

É, bom, eu acho que vou finalizando essa carta. Aos meus olhos, você sempre foi a mulher mais bonita. Quero lhe agradecer por tudo que conseguiu me ensinar. Ainda sei muito sobre alimento e limpeza. Meu perfume, igual ao seu, ainda é de cândida. Por conta de você, eu aprendi muitas coisas sobre a vida. Eu aprendi, sozinha, a me defender dos homens. Aos poucos, o “eu te amo” vai entrando no meu vocabulário. É um processo que parece simples. Dessa vez eu estou disposta a encarar. Só mais essa vez. Sabe mãe, eu tô morta de saudade de você. Será que você também sente minha falta? O processo do perdão é difícil, lento e particular. Mas eu juro, mãe, eu juro, eu tô tentando...

Uma voz em *off* lê pausadamente esse texto enquanto aparecem, intercaladamente, imagens de jovens mulheres negras realizando atividades corriqueiras da vida doméstica em suas casas. O filme, *Perfume de Cândida*, começa com uma delas sentada e olhando pela janela com o olhar absorto ao som do programa *Que Saudade de Você* conduzido pelo radialista Eli Correa⁸, muito popular entre donas de casa de classes populares nos anos de 1980 e 1990. A cena é seguida por outra na qual uma jovem está debruçada sobre um caderno

⁸ Este programa era muito popular durante os anos de 1980. Nele, o radialista, hoje vereador municipal da cidade de São Paulo, lia cartas enviadas por ouvintes com suas histórias de perdas, decepções amorosas ou outros acontecimentos que provocassem impacto. Essa é uma lembrança sonora que recordo da casa de minha avó que não perdia nenhum episódio deste programa.

em cima de uma mesa de cozinha levando a entender que se trata da escrita de uma carta. Corte seco e outra mulher aparece com turbante e guias de candomblé sob sua blusa. Ela tempera pedaços de frango sobre uma pia. A leitura segue e outras mulheres surgem lavando roupa, deitadas em redes, tomando banho. Todas sozinhas, como se aquela voz fosse pensamentos intrusivos que surgem quando realizamos tarefas domésticas.

O filme foi inteiramente produzido por mulheres negras moradoras e ativistas da zona sul, bem como todas que atuaram nas cenas. Ele foi produzido ao longo de 2021 durante a pandemia de Covid-19. E, devido ao isolamento social, foi exibido de forma remota. No dia da exibição, estavam conectadas mais de 30 mulheres, em sua maioria negras e também moradoras da zona sul. Trago aqui este filme e a discussão que seguiu a sua exibição para argumentar como mulheres mais jovens engajadas em ativismos periféricos têm elaborado coletivamente suas experiências da vida íntima, produzindo discursos políticos que articulam gênero, raça, classe, território, geração, memória e cuidado. Chamo atenção para como cuidado se constituiu como dimensão fundamental que é vivido e lembrado com ressentimento, mas também entendido como prática e vocabulário de relações que buscam produzir lutas e curas.

No filme o entrelaçamento da leitura da carta com cenas cotidianas da vida doméstica nos leva a uma interpretação de que se trata de uma espécie de *desabafo*, já que é escrito para uma destinatária falecida. *Desabafo* porque, ao escrever a carta, a personagem nos sugere que ali estão pensamentos e lembranças persistentes e até sufocantes que a acompanharam ao longo da vida. Um passado que não pode ser esquecido e que está impregnado no corpo, como o *cheiro de candida*.

Essas memórias *que não foram apagadas* são trazidas no filme com o intuito de produzir uma identificação entre mulheres moradoras das periferias, sobretudo negras, a partir de experiências de violência e falta de cuidado vividas em suas relações familiares, nas casas, nos ambientes íntimos. O texto, que é o fio condutor do filme, sugere quatro elementos significativos para compreender, a partir da perspectiva das filhas, a produção de família nestes contextos: a sobrecarga das tarefas da casa que recaem sobre as filhas; a violência de gênero que neste caso se manifesta a partir do abuso sexual e seu concomitante silenciamento; o racismo reproduzido no interior de famílias interracialis; e o amor e perdão que aparecem tanto como falta, como também possibilidade de cura. Argumento que todos

estes elementos estão relacionados ao cuidado, seja a partir da sua manifestação como sobrecarga para mulheres, seja em sua falta que às expõem a abusos e racismo. O cuidado aparece também como a possibilidade de cura para essas feridas a partir da construção de redes de apoio, formadas por mulheres negras e periféricas e pautadas no afeto.

Como Vanusa, a sobrecarga do cuidado para a autora fictícia da carta foi experimentada cedo. O texto deixa explícito como as tarefas da casa recaem sobre a menina e não sobre os meninos, que tem uma circulação livre pela rua, além de figurarem como objeto de maior atenção e afeto por parte da mãe. A autora se ressentia por não gozar da mesma liberdade e admiração que seus irmãos, que, inclusive, não precisam se responsabilizar com a casa, tampouco são submetidos a punições. A autora diz ter aprendido muito sobre alimentação e limpeza, isto é, um aprendizado que se dá na prática como cuidadora. No entanto, diz a carta, este aprendizado está pouco relacionado ao amor, pois o lugar de cuidadora não permitiu que ela conhecesse este sentimento. Por esta razão, relata que não pode assumir os cuidados do irmão doente depois da morte da mãe. *Eu te amo*, diz, não fazia parte do seu vocabulário, embora o texto sugira o afeto que tem por ele.

A tocante narrativa demonstra como esse aprendizado do cuidado fora corporificado. O cheiro de candida, nome da marca de uma água sanitária muito popular nas periferias da cidade de São Paulo, não desencadeia apenas uma lembrança, é um elemento constitutivo do próprio corpo, o cheiro de um corpo que realiza a tarefa de limpar. Da mesma forma que a dor nas costas e a vontade de vomitar. A carta traz os efeitos da violência de gênero e da falta de cuidado no interior das famílias, a partir da perspectiva da filha. Aqui a autora fala dos efeitos do silenciamento da violência sofrida por ela frente aos quais, por ser uma criança, não tinha como fugir. Silenciamento esse que garantia a manutenção da relação da mãe com seu marido, isto é, de uma configuração familiar que produzira uma dor que ainda habitava o corpo da filha tanto em pensamentos e lembranças, como nas sensações no corpo. A narrativa do filme demonstra que, neste caso, não apenas a pesada obrigação do cuidado fora partilhado entre mãe e filha, mas também a carga da violência de gênero e do silêncio.

Outra dimensão fundamental são as relações raciais vividas no interior de famílias interracializadas. A autora fala sobre como aprendeu a odiar o próprio corpo a partir da mãe. Não fica evidente se a mãe era branca ou se tinha a pele mais clara que a filha, mas a carta sugere a desqualificação da filha não apenas por ser negra, mas também por ser gorda. Ela desejava

ser como a mãe: “mais lisa, fina e clara”. Foi na vida íntima da casa e na relação com a mãe que ela diz ter aprendido a se odiar. Assim, diferente das seções anteriores nas quais o racismo apareceu a partir das ações do Estado ou por meio de práticas discriminatórias em ambientes de trabalho e vizinhança, aqui ele emerge nas relações no interior da família e aparece também como um dispositivo que provoca a falta de cuidado.

Enfim, na narrativa da carta, a casa aparece de forma ambígua, assim como o cuidado. Em um primeiro momento casa e cuidado são, respectivamente, lugares e práticas que reproduzem violência, invasão ao corpo, produção do trauma. O cuidado se manifesta como falta, fardo, desamor, silenciamento. A casa é o lugar do perigo, do castigo, do abuso sexual, da exploração, do racismo. Contudo, posteriormente, é através do cuidado e da casa que se busca costurar novas relações e experimentar a cura. É a partir da reconstrução de novos ambientes íntimos, protagonizados por mulheres, que se buscam as difíceis tarefas do *perdão* e do *amor*.

Depois da exibição do filme, as criadoras falaram sobre o objetivo da roteiro que era o de sintetizar diversas experiências de mulheres, todas por volta dos 30 a 40 anos, moradoras das periferias, principalmente negras. Os pontos tratados por elas no roteiro foram construídos a partir da escuta dessas experiências em diversos espaços de partilha, que vinham sendo realizados nos últimos anos na rede de feministas da região (MOUTINHO, ALVES E CARMO, 2016; OLIVEIRA, 2019; OLIVEIRA, 2022). Assim, é importante destacar a busca destas ativistas em produzir espaços em que a vida pessoal assume um lugar essencial para compreender coletivamente os efeitos das violências nas relações de afeto, onde memórias são partilhadas e (re)elaboradas a partir de um novo vocabulário produzido a partir de ideias e gramáticas dos movimentos sociais: negro, feminista e feminista negro. Exatamente porque, alinhadas a uma perspectiva interseccional, essas feministas entendem que o espaço íntimo é central não apenas para reprodução das desigualdades de gênero (OKIN, 2008) e do racismo (MOUTINHO, 2004; SCHUCMAN, 2018), como também ambiente de lutas e resistências.

Durante o debate, foi possível perceber os impactos produzidos pelo filme entre as pessoas ali presentes. Falas sobre experiências com as mães se intercalavam: ausência das mães porque as mesmas trabalhavam demais para sustentar a família; falta de afeto no

cotidiano; tensões provocadas pelos abismos educacionais e profissionais no interior das famílias; intolerância e violências quanto à orientação sexual; dentre outras questões.

Notava-se também nas falas o esforço para reconhecer as enormes diferenças entre elas e suas mães, não apenas geracionais, como também de escolaridade, contextos morais e religiosos e até mesmo experiências com as próprias famílias de origem. Havia um empenho em construir um reconhecimento de que suas mães, apesar de todas as diferenças, eram também mulheres periféricas, muitas delas negras, que também passaram e passam por dificuldades semelhantes às das filhas. A partir do reconhecimento da opressão de gênero e raça, articuladas às experiências de território, tornava-se possível produzir um *nós, mulheres periféricas* que englobava mães e filhas. Apesar das dores e ressentimentos, as falas das mulheres mais jovens buscavam compreender o comportamento das mães como *o que era possível naquele momento*. E esta compreensão estava muito próxima à ideia de *perdão*, embora não se confundisse com ele.

Ao falar dos efeitos da falta de amor e do cuidado, argumento que essas mulheres estavam se referindo, utilizando os termos de Veena Das (2020), ao envenenamento das relações. Ao longo de minha pesquisa de doutorado (CARMO, 2022), busquei demonstrar como a precariedade da vida, a sobrecarga econômica, a violência de Estado, o racismo e as desigualdades de gênero se sobrepunham de forma específica sobre as mulheres que partilham entre si esta carga na vida doméstica. As trajetórias que trouxe até aqui explicitaram as múltiplas formas de agenciamento no cotidiano para lidar com tais opressões. A narrativa apresentada pela carta nesta seção demonstra como essas opressões provocam o envenenamento das relações e da subjetividade de mulheres que são obrigadas a lidar com seus efeitos, que se infiltram e persistem ao longo da vida. A autora da carta fala em *vômito preso na garganta*, em um cheiro que ficou no corpo. Porém, ainda assim, ela não se vê passivamente submetida à dor, ao trauma, ao não esquecimento. Cuidado, amor e perdão são fios a partir dos quais ela busca aprender a amar. Esses são elementos que tem sido fundamentais para produção de novas subjetividades, relações e lutas marcadas por gênero, raça, território, violência e sexualidade.

A personagem da carta sabia muito sobre o cuidado da casa, mas pouco sobre o amor. A tarefa precoce de se responsabilizar pelo trabalho do cuidado gerou a dificuldade de amar justamente porque não conheceu a experiência de ser cuidada, como ela afirma. Como se o

amor fosse um aprendizado a partir do cuidado. A fala da autora da carta, assim como de outras mulheres presentes no debate no dia da exibição do filme, nos sugerem que tanto o amor como cuidado são tarefas práticas e cotidianas.

Amor é um tema muito presente no trabalho de bell hooks. A autora o vê como ação e dimensão fundamental de qualquer luta por justiça. Em seu texto *Vivendo de Amor* (HOOKS, 2010) a autora argumenta que a opressão e a exploração distorcem e impedem a capacidade de amar. Assim, afirma que o sistema escravocrata e as divisões raciais criam condições difíceis, embora não impossíveis, para a reprodução do amor entre pessoas negras, e aqui não se trata de amor romântico, mas sim da ação, da prática diária de cuidado, da atenção, da responsabilização, do afeto dirigido a outras pessoas. Para hooks, significa a garantia da própria sobrevivência. A autora afirma ainda que as mulheres negras foram socializadas para cuidar de outras pessoas ignorando assim suas próprias necessidades, até ao ponto de se autodestruírem. Para hooks as mulheres negras em uma sociedade racista e machista não aprenderam a reconhecer que sua vida é importante, por esta razão ressalta a importância de praticar o amor entre si como um ato de descolonização:

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura. (HOOKS, 2010, p.12)

As práticas cotidianas e atividades desenvolvidas por grupos de mulheres ativistas na zona sul, como este do debate do filme *Perfume de Candida*, têm produzido relações e vocabulários nos quais elas, a partir de relações que articulam amizade e ativismo, têm intencionalmente fomentado o amor e cuidado mútuo (OLIVEIRA, 2019; OLIVEIRA; 2022). Amigas que contribuem com cuidado dos filhos umas das outras, com ajudas em casos de dificuldades financeiras, com apoio emocional no cotidiano, com ajudas em situações de adoecimentos ou de violências, com suporte em atividades acadêmicas e de trabalho, enfim, com atitudes que não são novidade entre redes de amizade, têm sido enquadradas, e estimuladas, como cuidado mútuo entre mulheres negras e/ou periféricas.

Diversas produções acadêmicas tem destacado a emergência de coletivos de mulheres nas periferias que surgiram na última década na cidade de São Paulo. Tais trabalhos, produzidos sobretudo por mulheres moradoras das periferias, principalmente negras, que ingressam nos cursos de Pós-Graduação, têm ressaltado como cuidado e afeto são centrais para práticas e pautas políticas desses coletivos, que veem criando espaços de ressignificação de memórias e de experiências, como esta do filme. Afirma Danielle Oliveira (2019) sobre os coletivos de mulheres periféricas dos quais trata em sua dissertação de mestrado:

Nessa perspectiva, a constituição da subjetividade feminina é aspecto a ser investigado em nossas vidas que, através de nossas conversas e atividades, a memória que temos de mulheres em nossa família é elaborada tanto no lugar de ruptura (de romper com ações que nos feriram) como no lugar de continuidade e/ou criativo, enquanto saber feminista e sua articulação com ancestralidade e mudanças sociais. (OLIVEIRA, 2019, p.168)

Estas mulheres têm construído espaços de partilhas, nos quais busca-se olhar para os efeitos do passado no presente e imaginar um futuro. Dores, traumas, lembranças são compartilhadas e enquadradas como experiências marcadas por raça, classe, gênero, sexualidade e território. São assim lugares de ressignificação dessas histórias e de produção de práticas e de um vocabulário que não só orienta lutas, mas que também busca (re)criar, ou curar, relações íntimas marcadas por violências.

Em texto produzido por Laura Moutinho, Valéria Alves e por mim (2016), argumentamos que coletivos de mulheres, periféricas e negras, que emergiam na cidade em meados dos anos de 2010, poderiam ser vistos como construções de coletividades, identidades e sujeitos que se posicionam de modo político e subjetivo a partir de experiências de dor e sofrimento.

Estamos assim operando na esteira de uma chave teórica nomeada por Patrícia Clough de *Affective Turn*: um movimento amplo que retirou as emoções da sua zona de conforto – a ordem do privado – e passou a interpelá-la enquanto uma prática discursiva, permeada por relações de poder, que conforma sujeitos, subjetividades, políticas e coletividades. (MOUTINHO, ALVES e CARMO, 2016, p. 271).

Argumento que a narrativa do filme *Perfume de Candida* revela os efeitos das destrutivas violências vividas no interior na vida doméstica, da casa e da família, enfatizando a relação entre mãe e filha, em contextos nos quais esses lugares, na dinâmica familiar, são

sobrecarregados com as tarefas do cuidado e com a manutenção da família. Demonstram também os esforços dessas ativistas, a partir de relações de amizade e afeto, não apenas em pautar essa dimensão da vida íntima no espaço público, como também em criar este um espaço público onde as experiências da casa, da família e das relações de afeto possam ser lembradas, ouvidas, reconhecidas, elaboradas e transformadas em vocabulário de luta. Por fim, destaco tal processo como extremamente criativo, não apenas como reação às formas de violência, mas como uma elaborada criação de reenquadramento de experiências, lugares e relações onde o cuidado, amor e perdão possam ser vividos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTZE, Paul; LAMBEK, Michael. Introduction: forecasting memory. In: ANTZE, Paul; LAMBEK, Michael (orgs). **Tense Past: cultural essays in trauma and memory**. New York: Routledge, 1996

BIRMAN, Patrícia; PIEROBON, Camila. Viver sem guerra? Poderes locais e relações de gênero no cotidiano popular. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v. 64, n. 2, jun, 2021

CARMO, Milena M. **Margem adentro: políticas sociais, sujeitos e resistências na zona sul de São Paulo**. 2016, 145 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), FFLCH/USP, São Paulo, 2016.

CARSTEN, Janet. **After Kinship**. New York: Cambridge University Press, 2004.

CARSTEN, Janet. Introduction: ghosts of memory. In: CARSTEN, Janet (Org.). **Ghosts of memory: essays on remembrance and relatedness**. Blackwell Publishing, 2017.

CHO, Grace. **Haunting the Korean Diaspora: shame, secrecy, and the forgotten war**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008. 245 p.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, [1990] 2019.

DAS, Veena. **Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário**. Tradução: Bruno Gambarotto. São Paulo: Editora Unifesp, 2020. 312 p.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FALA GUERREIRA, Editorial, **Revista n.1**, São Paulo: Edição Independente, 2015.

FELTRAN, Gabriel S. **Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FERNANDES, Camila. **Figuras da causação: sexualidade feminina, reprodução e acusações no discurso popular e nas políticas de Estado**. 2017, 234 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional/ Universidade do Rio de Janeiro, 2017.

FRAGA, Alexandre B. De **Empregada à diarista: novas configurações do trabalho doméstico remunerado**. 2010, 191 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia), IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.

HAN, Clara. **Life in debt: times of care and violence in neoliberal Chile**. Berkeley: University California Press, 2012

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva racial. **Cadernos Pagu**, n.5, pp 7-41, 1995.

HOOKS, bell. Construir o lar: um espaço de resistência. In: HOOKS, bell (org). **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. São Paulo: Editora Elefante, 1ª edição, 2019, 448 pp.

HOOKS, bell. **Intelectuais Negras. Revista de Estudos Feministas**, vol. 3, nº2, Florianópolis, UFSC, 1995, pp.464-478.

HOOKS, bell. **Tudo sobre amor: perspectivas**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

KLEINMAN, Arthur. The Violences of everyday life: the multiple forms and dynamics of social violence. In: DAS, Veena *et al* (org.), **Violence and Subjectivity**. University of California Press, 2000.

KLEIN, Charles. Flipping the City: Space and Subjectivity in the São Paulo Periphery. **City & Society**, vol. 31, 2, p 142-164, ago, 2019

KLEIN, Charles; CARMO, Milena M. “I never thought this could be for me”: aspirational capital, identities, and political engagement among first-generation college students in São Paulo. **International Studies in Sociology of Education**, v. 28, n. 3-4, p. 259-278, 2019.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas: Editora Unicamp, 2010

MOUTINHO, Laura. **Razão, “cor” e desejo: uma análise comparative sobre relacionamentos afetivos-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul**. São Paulo: Unesp, 2004.

MOUTINHO, Laura. “Sob a ótica do feminino: raça e nação, ressentimentos e (re)negociações na África do Sul pós-apartheid”. In: WERNECK, Alexandre; CARDOSO DE OLIVEIRA. (Org.). **Pensando bem: Estudos de sociologia e antropologia da moral**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. v. 1. pp. 150-170, 2014

MOUTINHO, Laura; ALVES, Valéria; CARMO, Milena M. “Quanto Mais Você Me Nega, Mais Eu Me Reafirmo”: Visibilidade e Afetos na Cena Negra Periférica. **Paulistana Revista Tomo**, v. 28, jan/jun, 1-27, 2014

OLIVEIRA, Alessandra K. T. **Gritos e silêncios: um mergulho no cotidiano e na intimidade de mulheres negras ativistas da periferia sul de São Paulo**. 2022, 219 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), FFLCH/USP, São Paulo, 2022.

OLIVEIRA, Danielle R. **Encruzilhada das Guerreiras da periferia sul de São Paulo: Feminismo Periférico e Fronteiras Políticas**. 2019, 269 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia), IFCS/UNICAMP, São Paulo, 2019.

OLIVEIRA-MACEDO, Shisleni. **Salve quebradas! Raça, educação e articulações feministas na periferia de São Paulo**. 2021, 186 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), FFLCH/USP, São Paulo, 2021.

OKIN, Suzan M. Gênero, o público e o privado. **Estudo Feministas**, Florianópolis, 16 (2): 440, mai-ago/2008, pp 305-332.

PIEROBON, C. **Tempos que duram, lutas que não acabam: o cotidiano de Leonor e sua ética de combate**. 2018, 325 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PIMENTA, Denise. “Pandemia é coisa de mulher: Breve ensaio sobre o enfrentamento de uma doença a partir das vozes e silenciamentos femininos dentro das casas, hospitais e na

produção acadêmica”. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, v. 8, 8-19, 2020.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. In: **Revista Estudos Históricos**. Cpdoc\FGV: Rio de Janeiro, Vol. 2,(3)1989, pp. 3-15.

SARTI, Cynthia. **A família como espelho**. Editora: Cortez, 2011

SARTI, Cynthia A. Famílias enredadas in Famílias: redes, laços e políticas públicas. ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália Faller (Org.). **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Cortez/Instituto de Estudos Especiais/PUC-SP, 2018

SCHUCMAN, Lia V. **Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor**. Salvador: EDUFBA, 2018. 146 p.

TRONTO, Joan. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso? In: JAGGAR, Alison M. e BORDO, Susan R. (orgs.) **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, pp. 186-203, 1997

TRONTO, Joan. 2007. Assistência democrática e democracias assistenciais. **Sociedade e Estado**, v. 22, n. 2, 285-308.

VIANNA, Adriana. Tempos, dores e corpos: considerações sobre a “espera” entre familiares de vítimas de violência policial no Rio de Janeiro. In: BIRMAN, P. (et al.) (Orgs). **Dispositivos Urbanos e a trama dos viventes: ordens e resistências**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. pp. 405-418

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. Guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional. **Cadernos Pagu**, 37, p. 79-116, jul-dez, 2011.

VIANNA, Adriana; LOWENKRON, Laura. O duplo fazer do gênero e do Estado: interconexões, materialidades e linguagens. **Cadernos Pagu**, 51, 1-61, 2017

WOORTMAN, Klass. Casa e família operária. **Anuário Antropológico**, v. 5, n. 1, p 119-150, 1981

WOORTMANN, Klaas; WOORTMANN, Ellen. Monoparentalidade e chefia feminina: conceitos, contextos e circunstâncias. **Série Antropológica**, Brasília: UNB, 2004.